LÍNGUAS & LETRAS

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

O Termo *Ariano* e a Narrativa Indo-Europeia

The term *Aryan* and the Indo-European narrative

Márcio Renato Guimarães*
*Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba – PR,
e-mail: magnusmartius@gmail.com

RESUMO: O artigo apresenta a história do termo *ariano*, nas línguas modernas da Europa, desde a sua introdução como sinônimo de *indo-europeu*, no início do século XIX até o período nazista na Alemanha. O foco do texto é o desenvolvimento do conceito de "ariano" e das noções associadas a ele, do ponto de vista da reelaboração da narrativa das origens indo-europeias que subjazem ao seu uso ao longo de quase dois séculos.
PALAVRAS CHAVE: *ariano; indo-europeu;* língua e raça; linguística e nacional-socialismo.

ABSTRACT: The article presents the history of the term *aryan* in the modern European languages, since the introduction of its usage as sinonym from *indo-european*, in the begining of the XIX Century until the Nazi Era in Germany. The focus is the development of the concept of "aryan" and the narrative of indo-european origins, which lays under this concept.
KEYWORDS: *aryan*; *indo-european*; language and race; linguistics and national-socialism.

O termo *ariano* e seus cognatos (*Arier, aryan, arian, ario*) nas línguas europeias modernas provem da terminologia da linguística. Foi utilizado, inicialmente, como sinônimo de *indo-europeu*, indicando uma versão da narrativa das origens indo-europeias que se tornou dominante em meados do século XIX, e que postulava a existência de um povo, ou raça, arianos, que se expandiu por uma vasta região da Eurásia, levando consigo sua língua (além de sua cultura e instituições sociais). Em seguida, o termo *raça ariana* vai ganhando conotações específicas no interior de ideologias de superioridade racial que vão confluir para a formação do nacional-socialismo, que se torna a ideologia dominante na Alemanha, nos anos 30 do século passado. Nesse ponto, *Arier*, junto com outros termos da ideologia nazista, ganha conotações bem específicas e marcadas.

No presente artigo, vamos acompanhar o processo de evolução do significado que o termo *ariano* recobre ao longo de sua trajetória nas línguas europeias modernas. Para tanto, vamos seguir os passos da análise clássica de Siegert (1942), concebida no coração

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

do regime nazista. Ela nos servirá de guia para a cronologia e para a bibliografia estudada, mas o enfoque obviamente aqui terá de ser outro. Mesmo porque Siegert não investigou o desenvolvimento da narrativa que subjaz ao termo, talvez porque escrevendo desde o interior da ideologia nazista, a narrativa ariana fosse entendida como natural, de qualquer forma, incontestada.

Por uma questão de simplicidade, eu considerarei os cognatos do termo *ariano* nas diversas línguas europeias em que ele surge e serão abordadas no texto como instâncias de um mesmo termo. É claro que *Arian, Aryan, Arier* e *ariano* vão ter diferentes acepções nas diferentes línguas, nas diferentes épocas abordadas, e também nos diferentes autores, considerando o quadrante ideológico em que se situam. Sob essa camada de diferenças, existe um contexto cultural compartilhado e, acima (ou abaixo) de tudo, uma narrativa – a narrativa das origens indo-europeias, também ela variável de acordo com o momento e o lugar histórico e ideológico. Este texto se propõe uma topografia do termo a partir de uma perspectiva de sua história. Com base nisso, cada seção aborda um aspecto: desde a origem etimológica do termo (seção 1), as origens da narrativa indo-europeia, que antecedem o termo *ariano*, mas que dele se servem (seção 2), a "racialização" dessa narrativa por Gobineau (na seção 3) e pela própria ciência linguística (seção 4) e tentativa nazista de "desconstrução" do termo, por Siegert (seção 5). A última seção avalia o estrago feito pela narrativa racial dos arianos na narrativa indo-europeia, ainda em uso.

1. O *AYRIANA VAÊGÔ* E OS ANTIGOS ARIANOS.

O termo *airyanah vaêgô* aparece no *Avesta* (1. 3) para designar o primeiro dos cinco países criados por Ahura Mazda, tradicionalmente entendido pelos persas como sendo o lugar de origem do povo persa e vagamente localizado em algum lugar da Ásia Central[1]. O uso de *aryah* e *aryanah* como gentílico, pelos povos iranianos, é registrado por Heródoto e Diodoro Sículo (SIEGERT, 1942, p. 86). O primeiro (*Hist.* VII, 62) diz que "os medas antigamente [...] eram conhecidos por todos os povos como *Ἄριοι*" e em (*Hist.* VII, 66) os *Ἄρειοι* são mencionados, junto com os indianos, como um dos povos representados nas tropas de Xerxes. Em Diodoro Sículo, (*Bibl. Hist.* I, 30) o termo figura duas vezes: enumerando os legisladores dos diversos povos, diz (I, 86) que o "bom gênio"

[1] Os outros quatro países criados por Ahura Mazda são mais claramente identificáveis: Sughdha (Sogdiana), Môuru (Margiana), Bâkhdhi (Bactriana) e Nisâya (Nisaia, capital da Pártia), *cf.* Darmesteter (1880: 6).

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

para os *Ἀριμασποῖς* é Zathraustes (Zaratustra), havendo uma observação à margem na edição de Stephanus de que o correto é *Ἀριανοῖς*. E no mesmo livro (I, 90) diz que as terras do báctrios, dos sogdianos e dos *Ἀριανῶν* situam-se próximas da Índia. A mesma raiz ocorre em diversos nomes de pessoas entre os antigos medas e persas: *Ariaramnes*, *Ariobarzanes* (Ibid., p. 84) e na palavra *Iran*, que vem do genitivo plural *aryanām* "[terra] dos arianos".

A etimologia dessa raiz indo-iraniana ***arya-** é bastante controversa, e mesmo a tradicional associação ao adjetivo sânscrito *aryah* "excelente" (de uma raiz ***h$_2$er-** "bom, excelente", que apareceria também no grego *ἀριστός*) não é totalmente segura. Siegert (1942, p. 85) considera segura apenas a relação com o irlandês antigo *aire* "nobre, excelente". Pokorny vai na mesma linha, pois o seu dicionário etimológico lista (2007, p. 172) um termo ***ario-?** "mestre, senhor" (o ponto de interrogação marca um étimo não totalmente seguro), ao qual liga o avéstico *airyō* "senhor" e *airya-* "ariano", e cita a runa 539 transcrita por Krause (1932) como *arjosteR* "o mais nobre, o mais distinto". Essa forma, por sua vez, derivaria da extensão em ***-i** da raiz ***ar-^{1}** "mover, passar" (Ibid., p. 174-84), que aparece no latim *ar-ma* e no grego *ἄρθρον* "articulação". De qualquer forma, liga (Ibid., p. 87) o avéstico *airya-* e o védico *arya-* à raiz *al-^{1} "ademais, outro", que aparece no latim *uls*, **ulter*, *ulterior* "situado para além de".

A palavra foi posta em circulação nas línguas europeias modernas pelo pioneiro do orientalismo francês Abraham Anquetil-Duperron, cuja tradução do *Avesta* para o francês saiu em 1771 (SIEGERT., p. 86). Essa tradução foi a base do *Abhang zur Zend-Avesta*, publicada por Johann Friedrich Kleuker dez anos depois. Na tradução de Kleuker, *arien*, do francês, é traduzida para o alemão como *Arier*, forma em que se torna corrente nessa língua (Ibid., p. 87). Ambas as obras revelam um interesse crescente, ao longo do século XVIII, pelas letras "orientais", pelos europeus, sobretudo pela literatura dos antigos persas e indianos. Esse interesse é bastante estimulado pela descoberta, divulgada por inúmeros filólogos, de que os principais grupos de línguas da Europa e o persa, e depois também o sânscrito e boa parte das línguas da Índia, pertenciam a uma mesma família – a que agora denominamos de família indo-europeia.

2. A NARRATIVA DAS ORIGENS INDO-EUROPEIAS COMO "NARRATIVA ARIANA".

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

No final do século XVIII relação entre a língua dos persas e as línguas europeias já havia desde muito sido reconhecida por diversos autores. O primeiro deles de que se tem notícia, o filólogo holandês Marcus Zuerius van Boxhorn, em 1645, lança a hipótese de que as principais línguas da Europa (grego, latim, línguas germânicas, eslavas) e o persa descenderiam da língua dos citas (DROIXHE, 2007, p. 72). Jäger, em 1676, chama a "língua mais antiga da Europa", ancestral das línguas europeias antigas e modernas, de "matriz cito-céltica" (Ibid., p. 71), lançando a base não só da denominação binária para a família linguística (a base de termos como *indo-europeu* e *indo-germânico*), mas a base para as denominações preferidas para as famílias linguísticas posteriormente reconhecida, encerrando os extremos geográficos de suas distribuições (*cf. hamito-semíticas, sino-tibetanas, malaio-polinésias, fino-úgricas, uralo-altaicas* etc.). O termo *jafético* é proposto por Schlözer, em 1781, conserva a mesma simetria bíblica dos termos *hamítico* e *semítico* também propostos por ele para designar as famílias a que pertenciam, respectivamente, línguas como o egípcio e o hebraico e o árabe (SIEGERT, 1942, p. 73-4). *Indo-germânico* foi proposto pelo geógrafo franco-dinamarquês Conrad Malte-Brun, em 1810, e logo se tornou comum nos países de língua alemã (KOERNER, 1982, p. 164). Já *indo-europeu*, proposto pelo polímata inglês Thomas Young, em 1813, foi utilizado pelo fundador da linguística histórico-comparada, Franz Bopp, o que lhe garantiu o posto de termo mais usado ao longo da história da linguística em todas as línguas que não o alemão (SIEGERT, 1942, p. 75). Já a designação *línguas arianas* é utilizada pela primeira vez pelo filólogo germano-norueguês Christian Lassen, em 1830 (Ibid., p. 97).

Nesse ponto, temos uma transição do significado de *ariano*, agora usado como adjetivo: o termo passa de tradução do termo *airyah* do persa (e também do védico), designando os ancestrais míticos dos persas e dos povos do norte da antiga Índia, para um designativo das línguas indo-europeias.

Esses termos – *indo-europeu, indo-germânico,* e agora também *ariano* – passam a designar um referente novo, um objeto novo reconhecido no mundo pela nascente ciência da linguagem. Em primeiro lugar, trata-se de uma família de línguas, a família indo-europeia (ou indo-germânica, ou ariana): portanto ele designa uma relação entre línguas, entendida como uma relação de parentesco. Essa "noção de parentesco" é fundamentada no que a linguística do século XIX denominou de "modelo de árvore genealógica", em alemão *Stammbaum* (MORPURGO-DAVIES, 1998, p. 170). A ela subjaz uma narrativa, que por sua vez pode ser entendida num sentido particular e num sentido geral. No sentido particular, existe uma narrativa da origem das línguas indo-

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

europeias: houve uma língua-mãe, falada num período remoto, anterior aos registros escritos mais antigos, que foi levada por seus falantes a diversas regiões da Eurásia onde se desenvolveriam as diferentes línguas-filhas. No sentido mais geral, outras famílias linguísticas que vierem a ser reconhecidas (o século XIX reconheceu muitas delas) baseiam suas relações internas de parentesco no mesmo esquema geral de diversificação de línguas.

O foco da linguística histórico-comparada do século XIX foi o levantamento das correspondências entre os sistemas fonológico e morfológico das línguas indo-europeias, com vistas à reconstrução da proto-língua e descrição das regras, sobretudo das regras de mudança sonora, que teriam agido na formação de cada um dos ramos da família. Uma tradição importante que se desenvolveu nesse novo campo de investigação aprofundou a tendência a explicar os mecanismos de mudança linguística com base em processos internos das línguas. Essa perspectiva baseou o trabalho do que se tornaria o *maisntream* da linguística, de Franz Bopp aos neogramáticos, incluindo por August Schleicher (MORPURGO-DAVIES, 1998, p. 232-3).

Uma outra linha de pesquisa, menos "central", se dedicou à investigação da história "externa" da origem e expansão indo-europeia, buscando pistas nas línguas-filha, principalmente nas antigas narrativas épicas e mitológicas, da *Urheimat* e do povo que falava proto-indo-europeu, utilizando o mesmo método histórico-comparativo (e reconstrutivo) empregado na reconstrução do sistema fonológico e morfológico do proto-indo-europeu. Esse povo "reconstruído" vai ser desde muito cedo identificado com os arianos do *Avesta*: já na obra de Friedrich Schlegel (SIEGERT, 1942, p. 88-89), que denomina a língua original de onde vieram as demais de *Arisprache* e estabelece uma relação entre a raiz *ari-*, que aparece em *airyanam*, o latim *egregium* e o alemão *Ehre*[2].

O principal pioneiro nesse campo de pesquisa foi linguista suíço Adolphe Pictet, que na sua obra de 1853 teorizou que os antigos iranianos, por serem o primeiro ramo que se diferenciou do tronco indo-europeu, conservou melhor o nome do povo original do que os ramos que se diferenciaram posteriormente (SIEGERT, 1942, p. 95). Pictet fez uma reconstrução da vida dos antigos *aryas*, como ele os denominou, com base no vocabulário herdado pelas línguas indo-europeias, a fim de estabelecer em qual estágio de evolução tecnológica e cultural eles estavam no final do período comum. Chega a conclusão que

[2] *Egregium* vem *ec + grege-* (*grex* "rebanho, grei"), que por sua vez é uma forma redobrada de uma raiz *ger- que aparece no latim *gremium*, no grego *ἀγείρω* "reúno" e no sânscrito *gaṇaḥ* "trupe, bando". Já *Ehre* vem de uma raiz *ais-, que aparece também no gr. *αἴδομαι* "envergonhar-se, reverenciar" e no osco *aisusis* "sacrifício" (POKORNY, 2007, p. 51).

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

era um povo mais pastoralista do que agricultor, com pouco (talvez nenhum) conhecimento da metalurgia, governados por reis, e cujos termos para guerra remetiam a disputas por rebanhos (PICTET, 1853, p. 47-49). Não existe, de maneira geral, apreciações a respeito da superioridade dos arianos com relação a outros povos ou raça; eles são tratados como povo, não como raça.

No âmbito da linguística indo-europeia do século XIX, o termo *ariano* sempre teve um uso menos restrito do que *indo-europeu* e *indo-germânico*, ainda que tenha tido difusores bastante influentes. Além de Pictet, outro importante difusor foi o linguista alemão radicado na Inglaterra, Friedrich Max Müller (1823-1900), organizador de edições comentadas de traduções dos textos clássicos indianos e persas antigos, e um dos precursores da transposição do método histórico-comparativo para uma ciência das religiões. Max Müller foi um dos primeiros grandes divulgadores da nova ciência linguística, em leituras destinadas a um público para além da Academia: essas leituras atraíam muito mais espectadores do que as demonstrações científicas de Faraday e Owen, segundo comentadores da época (MORPURGO-DAVIES, 1998, p. 155). Müller preferia o uso de *arianas* como um termo "mais curto, se não melhor" para designar as línguas indo-europeias, porque entendia esse termo como um antigo gentílico, conservado na literatura avéstica e védica (MÜLLER, 1895, p.206).

A narrativa dos bárbaros arianos, pastoralistas, dirigindo carros de combates puxados por cavalos, conquistando terras e povos e impondo suas línguas já estava mais ou menos popularizada no imaginário europeu em meados do século XIX. Uma vez no imaginário, a narrativa vai ser expandida e ganhar conotações não esperadas para alguns linguistas, como é o caso do próprio Müller, que vão reagir com o que eles entendem ser apropriações indevidas.

3. A *RAÇA ARIANA* DE GOBINEAU E A REAÇÃO DOS LINGUISTAS.

A grande reelaboração da narrativa sobre o suposto povo ariano é devida ao Conde Gobineau (SIEGERT, 1942., p. 97), no seu *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*, cujo primeiro volume saiu em 1854. Nesse texto, observam-se 651[3] ocorrências de *ariano* e derivados (o substantivo *Arian*, o adjetivo *arian*(*ne*) e o verbo *arianniser*). Como

[3] A edição consultada é a edição digital em Gobineau (2005).

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

adjetivo, ocorre como designativo, entre outros, de *langue*, *societé*, *peuple* e *sang* e, em 17 passagens, de *race arianne*. A tese central do texto é que a raça branca é superior às demais raças (negra e amarela), sendo que dentro da raça branca, o tipo (ou raça) ariano é o superior (com os semitas ocupando um segundo lugar). Apenas a raça ariana (e eventualmente os semitas) é portadora de civilização; mesmo civilizações aparentemente (segundo Gobineau) não-arianas, como a egípcia, a chinesa e mesmo a americana[4], teriam sido fundadas por uma classe dominante branca ariana, que depois se miscigenou com a população "nativa".

Gobineau vai utilizar a noção de *raça* tal como definida pela nova Antropologia Física (ou Biológica) de Blumenbach e Prichard: agrupamentos humanos com uma origem genética compartilhada e que, por efeito dessa origem comum, compartilham características físicas, notadamente o formato do corpo, pigmentação e, principalmente (o que é uma das bases das classificações raciais da época) o formato do crânio. Essa noção de *raça* vai aparecer, como veremos, na maior parte das obras que apresenta e discute a narrativa ariana.

Escrevendo na década de 1930, em que a obra de Gobineau era bastante discutida, o tradutor espanhol manifesta estranhamento pelo fato de ela ter tido recepção tão fria na França, ignorada pelos intelectuais e pelos políticos, o que ele atribui ao fato de que a obra contrariava os "dogmas acadêmicos" (SUSANNA, 1937, p. 6). Na verdade, é apenas devido à sua influência nos ideólogos do racismo pseudo-científico da virada do século e a sua repercussão na Europa da época (incluindo a Espanha franquista) que pode justificar a expectativa de que fosse dada à obra de Gobineau mais atenção do que ela recebeu. Além disso, as teses do autor de desigualdade entre os seres humanos e do caráter antinatural da democracia (cuja base é justamente a assunção da igualdade de todos os homens) tiveram o dom de contrariar tanto os campos progressistas (liberais e o nascente movimento socialista) como os conservadores, já que a igualdade de todos os seres humanos perante Deus também era entendida como um princípio cristão (RIEHL, 1858, p. 5).

Os linguistas reagem à apropriação do termo *ariano* e da narrativa das origens indo-europeias para além do vocabulário técnico da ciência da linguagem. A reação começa com o próprio Max Müller, que vai questionar a identificação automática entre a língua e entidades como povo e raça:

[4] Gobineau trata dos egípcios nos capítulos V a VII do segundo volume, dos chineses no capítulo V do terceiro volume e das civilizações americanas, no capítulo VII do sexto volume.

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

> Esquece-se muito facilmente que quando falamos de famílias ariana e semítica, a base da classificação é a linguagem, e apenas a linguagem. Existem as línguas arianas e as semíticas, mas é contra todas as regras da lógica falar, sem uma qualificação expressa ou implicada, de uma raça ariana, de um sangue ariano, de crânios arianos, e tentar uma classificação etnológica com base em fundamentos puramente linguísticos (...) eu devo repetir o que eu disse muito tempo atrás, é tão errado falar de sangue ariano como seria falar de uma gramática dolicocéfala[5]. (MÜLLER, 1895, p. 211)

A resposta do primeiro grande polemista da história da ciência linguística, August Pott, é mais ampla e imediata. Em 1856, ele publica o seu *Unglheichheit menschlicher Rassen*, uma ampla e minuciosa análise dos dados e argumentos de Gobineau. faz uma ampla e minuciosa análise dos dados de Gobineau. Pott revela-se bastante cético com relação (ver p.ex. 258-9) à tendência de Gobineau de reconhecer parentescos entre povos com base em semelhanças supostas entre suas línguas, sem que tais semelhanças tenham sido realmente estabelecidas com base em um método adequadamente científico, no caso, o da linguística histórico-comparativa (*cf.* a respeito, POTT, 1856, p. 261-2). Algumas relações de parentescos aventadas por Gobineau, por exemplo, entre as línguas da Ásia e das Américas estavam tão distantes no tempo que o rastreamento das possíveis relações entre elas, se é que existiam, não eram passíveis de serem acessadas pelos métodos histórico-comparativos, e provavelmente por nenhum outro método (Ibid., p. 262-3). Aponta, por exemplo, as dificuldades de aceitar a ideia de Gobineau de que as civilizações americanas teriam sido fundadas por arianos, pelo fato, por exemplo, de que os cereais eurasiáticos eram desconhecidos na América e vice-versa, (Ibid., p. 269. Finalmente, para Pott, embora as raças humanas (bem como as línguas humanas) demonstrem uma imensa variedade de tipos e formas, as características básicas do pensamento são basicamente as mesmas. Do ponto de vista da capacidade dos seres humanos de irem além da matéria, de apreender as formas e princípios básicos da realidade e representá-los pela linguagem e a posse do livre-arbítrio, os homens pertencem a um único e mesmo gênero (*Art*). Além disso, apesar de o gênero humano não ser um perante os homens, ele é um perante Deus (Ibid., p. 274).

Apesar da crítica de Pott, na Alemanha, a obra de Gobineau teve um recepção muito mais amigável do que na França, sobretudo a partir de 1870, quando foi descoberta

[5] It is but too easily forgotten that if we speak of Aryan and Semitic families, the ground of classification is language, and language only. There are Aryan and Semitic languages, but it is against all rules of logic to speak, without an expressed or implied qualification, of an Aryan race, of Aryan blood, of Aryan skulls, and to attempt ethnological classification on purely linguistic grounds. [...] I must repeat, what I have said many times before, it would be as wrong to speak of Aryan blood as of dolichocephalic grammar.

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

pelo círculo nacionalista que se formou em torno de Richard Wagner, de onde saiu o fundador da Gobineau-Vereinigung, em 1894 e tradutor do *Essai* para o alemão, Ludwig Schemann (KÖCK, 2011, P. 184).

A influência de Gobineau sobre as teorias racistas da segunda metade do século XIX e do século XX é clara, mas a atitude desses teóricos frente a Gobineau é bastante complexa. Por um lado, eles deviam a Gobineau a ideia da desigualdade, de serem a miscigenação e a democracia anti-natural. Por outro lado, os círculos nacionalistas alemães da época, essencialmente antissemitas, não poderiam aceitar sua simpatia entusiástica para com os judeus, por terem se mantido longe de miscigenação (GOBINEAU, 2005, p. 256), e por terem dado uma contribuição das mais relevantes para a humanidade:

> E nessa esquina miserável do mundo, o que foram os judeus? Eu repito: um povo hábil em tudo o que se aventurou, um povo livre, forte, inteligente e que, antes de perderem bravamente, de armas à mão, o título de nação independente, forneceram ao mundo um número idêntico de sábios que de mercadores. (GOBINEAU, 2005, p. 84)[6]

Isso não impediu a popularização da versão de Gobineau da narrativa ariana e da difusão do termo e seus derivados (*Arier*, *arisch*, *ariesieren*) na língua alemã, ainda que a princípio restritos às publicações dos círculos nacionalistas e antissemitas. Com a ascensão do nacional-socialismo, primeiro como um movimento de massas na época da República de Weimar, e após 1933, progressivamente como ideologia oficial do estado alemão.

4. A NARRATIVA DA "RAÇA ARIANA" NA CIÊNCIA EUROPEIA DO SÉCULO XIX.

Com ou sem influência de Gobineau, a narrativa de um povo ou raça ariana, responsável pela difusão das línguas indo-europeias já estava bastante consolidada na ciência europeia por volta das últimas três décadas do século XIX. Na verdade, o discurso científico predominante ignorava-a solenemente. No entanto, vai tomando forma a versão da narrativa ariana que vai se revelar a mais perigosa, ainda que a princípio ela não seja

[6] Et dans ce misérable coin du monde, que furent les Juifs? Je le répète, un peuple habile en tout ce qu'il entreprit, un peuple libre, un peuple fort, un peuple intelligent, et qui, avant de perdre bravement, les armes à la main, le titre de nation indépendante, avait fourni au monde presque autant de docteurs que de marchands.

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

unívoca e muito menos consensual – a que representa a raça ariana como superior às demais, destinada a se sobrepor sobre as demais raças e cujo espírito positivamente criativo se opõe às raças com potencial destrutivo, entre elas a semita, principalmente os judeus.

Veremos a evolução dessa narrativa em três obras bastante influentes no último quartel do século XIX. As duas primeiras não citam Gobineau: *Die Arier: ein Betrag zur historische Anthropologie*, de Theodor Poesche, publicada em 1878, e as *Origenes Ariacae*, de Karl Penka, publicada em 1883. Reunindo as evidências disponíveis da linguística e da antropologia, essas duas obras consolidam o perfil dos arianos como uma raça de dolicocéfalos, loiros, altos e portadores de bastante "vontade de poder". É só na terceira dessas obras, *Die Grundlagen den Neuzenten Jahrhudert* [*Fundamentos do Século Dezenove*], publicado em 1899, pelo germano-britânico Houston Stewart Chamberlain, que a narrativa se apresentará de forma completa.

Poesche escreve após a advertência de Max Müller, que ele conhecia (POESCHE, 1878, p. 7) e tem, portanto, que lidar com a difícil relação entre relações entre a árvore genealógica das raças humanas e a das línguas humanas. Reconhecendo que a associação automática entre um falante de uma língua e uma raça é um empreendimento fadado à produção de equívocos, ele, no entanto, coloca a questão de que as línguas costumam ser difundidas por migração dos grupos humanos que as falam. Dessa forma, a difusão de línguas é uma pista importante para a difusão de antigas raças, que levaram à criação das raças atuais, ainda que seja um empreendimento que guarde um certo grau de incerteza (Ibid., p. 9-11). Poesche identifica como *Urheimat* ariana a região do rio Pripet (Pripiat), hoje situada entre a Bielorrússia e a Ucrânia, devido ao alto grau de albinismo encontrado em diferentes espécies, que ele relaciona com características como pele, olhos e cabelos claros nos humanos (Ibid., p. 236-7). À raça ariana propriamente, ele atribui as características que vão estar, classicamente, a ela associadas a partir de então: grande estatura, corpo esguio, crânio dolicocéfalo (com um volume maior do que a média da raça humana), pele clara (mais clara que a dos europeus mediterrâneos), cabelos loiros ou ruivos, olhos azuis (Ibid., p. 12-3). Essa raça teria se espalhado por uma ampla zona do Velho Mundo, em períodos pré-históricos, com Poesche reconhecendo seus traços em populações modernas e antigas, numa área que vai dos guanches das Canárias (Ibid., p. 25) até antigos bárbaros de cabelos loiros descritos nos anais chineses (Ibid., p. 27-9) e o norte da Índia (Ibid., p. 30), com uma notável predominância no noroeste da Europa, incluindo o norte da Alemanha. A acreditar nos relatos de cronistas antigos e em restos

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

arqueológicos, os antigos germanos, segundo Poesche, mostravam uma clara predominância de tipos arianos sem mescla, bem como algumas tribos balto-eslavas do oeste (Ibid., p. 201-2). Posteriormente, tanto os germânicos como os eslavos teriam se misturado com populações de outras raças: os eslavos com populações de traços físicos mongolóides vindas do leste e os germânicos com os dolicocéfalos de cabelos escuros da região atlanto-mediterrânea e com os braquicéfalos de cabelos escuros do centro da Europa, pertencentes à raça alpina (Ibid., 179-85).

Poesche não cita Gobineau em nenhum momento na sua obra. Talvez o conhecesse, nem que seja pela resposta de Pott (a quem cita 15 vezes, embora em nenhuma o texto de 1858 em resposta ao *Essai*). No entanto, vai representar os arianos como os povos dominantes da Terra, nas últimas linhas de sua obra: "Os arianos detêm o poder e a força de fazer gravitar o domínio político da Terra na sua própria zona de ação, que é onde estão 'as fortes raízes do poder' dos povos dominantes da Terra"[7] (POESCHE, 1878, p. 238).

Poesche menciona os judeus 15 vezes, a maior parte das quais para explicar a presença de judeus de cabelos loiros como evidências de antiga mestiçagem, mas não há o menor indício da oposição entre um "espírito judeu" e um "espírito ariano" que vai marcar a narrativa ariana no início do século XIX.

Penka (1883), embora fundamente sua argumentação com evidências extraídas da antropologia física e da arqueologia, como Poesche, a quem cita como uma de suas principais fontes (Ibid., p. 11) vai identificar os arianos com o tipo físico semelhante ao definido por Poesche, mas liga-o mais aos que se encontram na Escandinávia (Ibid., p. 16). Ao contrário daquele, liga o desenvolvimento de pele, cabelos e olhos mais claros aos climas mais frios do que a influência de outros elementos (Ibid., p.16). Penka aprofunda sua pesquisa no passado até o desenvolvimento da raça ariana, que ele vê como um ramo dos primeiros povoadores Cro-Magnon que se estendeu para o norte (Ibid., p.89-90). Nesse sentido, os arianos seriam aparentados com as raças dolicocéfalas morenas do oeste da Europa e norte da África. As raças braquicéfalas do centro e leste da Europa seriam derivadas de migrações de tipos mongolóides, ou como ele prefere, *turânicos* (Ibid., p. 92). Nesse sentido, os escandinavos representam um tipo ariano com menos mistura, e mesmo os alemães são o resultado de miscigenação com outras raças. Acredita na existência de um caráter geral das raças, que acaba predominando, mesmo sobre

[7] Die Arier beeitsen die Kraft und Macht , die politische Herrschaft der Erde nach ihrer eigenen Zone gravitiren zu machen, dorthin wo „die starken Wurzeln der Kraft" des Herrenvolkes der Erde sind.

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

influências externas (por exemplo, vê o protestantismo como uma reação do caráter germânico à imposição do cristianismo, p. 115-6). Por outro lado, vê uma origem semítica no caráter intolerante de algumas regiões católicas, como o a Espanha (Ibid., p. 116). O pendor para a literatura, por outro lado, é marca do tipo turânico (que, aliás, o próprio Penka reconhece em si mesmo, p. 120), que influenciou o surgimento da tradição literária romana, grega, e mesmo alemã. A tendência ao universalismo é característica de povos resultantes de misturas de raças (como o alemão), mais difícil de ser encontrados em povos racialmente mais homogêneos.

Penka, por sua formação como linguista, vai exibir maior preocupação com a caracterização geral da língua dos arianos, dedicando um capítulo para o caráter fonológico (Ibid., 154-72) e outro para o caráter morfológico (p. 173-214) da língua ariana, com alguma tentativa de identificar o clima como um motor importante das mudanças fonológicas. Assim como Poesche, Penka não cita Gobineau, mas ao contrário daquele não apresenta o menor vestígio de um triunfalismo ariano, fazendo uma vaga referência, no seu prefácio, a:

> [...] à medida em que a linguística ariana sempre mais e mais se afaste da falta de método, das fantasias e das trivialidades, só assim ela poder ser vantajosa. Quando, dessa forma, uma disciplina estiver ligada ao que for consequência do seu exato caráter de ciência exata da natureza de antemão, ela não ficará satisfeita com rebaixar-se a ser o parque de diversões de veleidades subjetivas[8].
> (PENKA, 1883, p. vii)

As ideias de Gobineau influenciaram de maneira bastante decisiva o *Grundlagen*, o principal teorista do racismo no alvorecer do século XX e o único teórico do racismo citado no *Mein Kampf* (HITLER, 1943, p. 296). Já em Chamberlain aparece a caracterização dos judeus como o oposto dos arianos, em termos de espírito e papel na história. Para Chamberlain, os arianos são "a raça melhor dotada" (...), "física e mentalmente proeminente perante todas as outras raças" (CHAMBERLAIN, 1911, p. 542), o que por si só garantiria a sua posição de raça dominante perante todas as outras: "alguns homens são, por natureza, livres, enquanto outros são escravos", justifica, citando Aristóteles (*Polit.* I, 5). Por "livres", Chamberlain entendia apenas as raças que tinham a habilidade de "construírem estados" [*State-buildings*], habilidade que faltava totalmente aos semitas e semi-semitas, em geral propensos à anarquia ou ao despotismo, os dois

[8] [...]als die arische Sprachwissenschaft immer mehr und mehr der Methodelosigkeit, Phantasterei und Verflachung verfällt, kann es nur von Nutzen sein, wenn dieselbe einer Disciplin angegliedert wird, die in Folge ihres exact-natur-wissenschaftlichen Charakters schon von vornherein nicht dazu angethan ist, zum Tummelplatze subjectivischer Velleitäten herabzusinken.

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

opostos da liberdade (Ibid., p. 543). E a base da liberdade (e, portanto, do princípio da construção de estados) era a lealdade, virtude teutônica por excelência, daí o destino manifesto da raça teutônica, seu principal legado para a humanidade (Ibid., p. 549-50).

Por outro lado, os judeus são "extremamente astutos (o que não tem nada a ver com intelecto brilhante, ao contrário)[9]" (CHAMBERLAIN, 1911, p. 394) e, sendo uma mistura de beduínos e hititas, herdaram dos seus antepassados hititas "uma mistura de respeitável mediocridade com uma grande vitalidade, mais do que a capacidade para as conquistas extraordinárias, eles possuem mais resistência do que força[10]" (Ibid., p. 395-6). Já dos beduínos, os judeus herdaram a tendência a serem intelectualmente destrutivos (Ibid., p. 374). Para Chamberlain, no entanto, o judeu não era inimigo da civilização ocidental, mas, concordando com Heine, ele será sempre um estrangeiro para os europeus ocidentais (Ibid., p. lxxviii). Na mesma passagem, Chamberlain considera exagerada a importância que se dá à influência judaica e, mais: "Lado a lado com isso vai a tendência, perfeitamente ridícula e revoltante, de fazer o Judeu o bode expiatório de todos os vícios do nosso tempo[11]", continua (Ibid., p. lxxviii). Ainda assim, os judeus, em que Chamberlein reconhece uma tendência, como em seus "meio-irmãos", os semitas, a serem "pobres à mendicância" (*beggarly-poors*) em religião, o que de alguma forma se relaciona com o principal problema do nosso (dos europeus de 1899) tempo, que é a falta de uma verdadeira religião, que adoece a sociedade até a morte (Ibid., p. lxxix).

5. SIEGERT (1942) E A RESSIGNIFICAÇÃO DO TERMO *ARIANO* EM ALEMÃO.

No alvorecer do século XX, na maior parte das línguas europeias, mas principalmente no alemão, o termo *ariano* designa tanto as línguas indo-europeias como o povo (ou raça) que falava a (proto-)língua que as originou. A narrativa dessa origem e dispersão, subjacente ao significado de "ariano" já estava consolidada nos termos que apresentamos na seção anterior: um povo de dolicocéfalos, loiros e de olhos azuis, de cultura pastoralista e belicosa, que se dispersou pela Europa e parte da Ásia, conquistando uma ampla região, como resultado de uma disposição e força maior do que a de outras

[9] "... extremely cunning (which of course has nothing to do with brilliant intellect, on the contrary)"
[10] "...a respectable mediocrity with great vitality rather than [...] a special capacity for extraordinary achievements, they possess more endurance than power."
[11] "Hand in hand with this goes the perfectly ridiculous and revolting tendency to make the Jew the general scapegoat for all the vices of our time."

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

raças, e impondo sua língua e seus costumes. Após amplos processos de miscigenação, esse povo ou raça deu origem aos povos ou raças que vivem atualmente nas regiões que falam línguas indo-europeias, e em alguma medida os povos dolicocéfalos loiros da Europa setentrional apresentam maior contribuição da raça ariana.

Existem duas transposições importantes de *referente*, no início desse processo a primeira quando *ariano* passa de designativo dos antigos **povos** citados no *Avesta* para designativo das línguas **arianas** ou indo-europeias e a segunda quando os povos arianos mais ou menos lendários do *Avesta* passam a ser identificados com o povo que dispersou as línguas indo-europeias. Subjacente a ambas essas transposições está a narrativa das origens indo-europeias, tal como ela foi (re)construída pela linguística e depois pela antropologia do século XIX.

Com o desenvolvimento da narrativa e o aporte de noções como a de raça, pode-se dizer que a maneira com que essa narrativa e esses referentes (povos e línguas) são representados mudou completamente. Talvez, para emular a fundamental distinção de Frege, entendamos tal mudança como uma reconstrução do sentido, da maneira com que o termo designe o referente. Mas as mudanças (ou expansões) do referente vão continuar, na sequência: enquanto que, para todos os autores que investigaram as origens indo-europeias, de Max Müller a Chamberlain, incluindo Gobineau, os arianos eram um povo de um passado distante, anterior à existência de registros históricos acessíveis e, portanto, extinto, para os ideólogos *völkisch* da Alemanha da primeira metade do século XX, arianos eram os povos superiores (brancos) da Europa, sobretudo os alemães em oposição aos povos negros e amarelos e aos judeus. Como vimos, no entanto, existe uma tendência na maior parte dos autores que estudamos de que os germanos, incluindo os alemães, preservariam melhor o tipo ariano. E não só o tipo físico dos arianos, mas também o "espírito": já Gobineau tinha observado que os antigos germanos salvaram a Civilização das mãos romanas por representarem um *stock* mais puro de "sangue ariano", não contaminado pelo "melanismo" (SUSANNA, 1938, p. 7).

Aos poucos, esse novo elemento, o "espírito" se torna permanente na narrativa, de novo principalmente na Alemanha, mas não só: a oposição de um "espírito ariano", idealista, que move uma raça de "portadores de cultura" (HITLER, 1943, p. 465), "construtores", por excelência, ligados ao solo, ao trabalho e às tradições (Ibid., p. 317-28), em oposição a um "espírito judeu", questionador, portanto anti-idealista e "destruidor", que move um povo que não é ligado ao solo e ao trabalho produtivo prefere o comércio e a especulação (Ibid., p. 329-317).

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

No *Mein Kampf*, não se identifica exatamente quais povos poderiam ser considerados arianos, embora fique claro que os alemães o são. Na propaganda nazista, de maneira geral, *ariano* é usado no sentido de "alemão", principalmente "de sangue alemão (*deutschblütig*)", ou seja, aplicado a pessoas. No uso cotidiano, como observa Siegert (1942, p. 73), ocorre uma translação desse sentido "de sangue alemão" para o sentido de "não-judeu", com que o termo é popularizado após a ascensão, sobretudo após a ascensão de Hitler ao poder (1933) e a gradual transformação do nacional-socialismo em ideologia do Estado Alemão.

Todas essas transposições e translações de sentido e referência do termo *ariano* não escaparam aos linguistas oficiais do movimento. Tratava-se não apenas de um termo importante do arcabouço ideológico, mas um termo essencial para a legislação, por exemplo. Logo após a ascensão de Hitler ao cargo de chanceler, promulgam-se leis que regulam o acesso de não-arianos (judeus, principalmente, mas não só) aos direitos e prerrogativas antes estendidos a todos os cidadãos alemães. A partir desse ponto, *ariano* passa a ser um *status* legal, definidor de direitos e prerrogativas, em contraposição a *judeu*, que corresponde a um *status* cada vez mais destituído de direitos e prerrogativas. Passaram a ser privativos dos "arianos" a ocupação de cargos públicos, nas universidades, magistério, judiciário e outras instituições custeadas pelo estado a partir de 1933 (EVANS, 2011, p. 605). Os "casamentos mistos" com mulheres não-arianas são proibidos para os soldados alemães em maio de 1935, e um pouco depois no mesmo mês, vedou-se aos judeus e a outros não-arianos a concessão da cidadania alemã (Ibid., p. 611). Em setembro do mesmo ano, Hitler encaminhou ao Reichstag a Lei de Cidadania do Reich, que reservava para arianos a cidadania alemã, excluindo dela totalmente os não-arianos, especialmente os judeus (mas não só). Ao mesmo tempo, dispositivos para definir quem poderia ou não ser considerado *ariano* perante a lei alemã, com base na proporção de "sangue" judeu, foram promulgados (Ibid., 612-4).

No entanto, numa época que a diferença entre ser e não ser considerado ariano era literalmente um caso de vida ou morte, entender que o significado do termo não era claro tinha consequências bastante importantes. A noção de ariano era uma peça-chave da ideologia nazista: o termo *Arier* aparece 30 vezes (sempre no singular) no *Mein Kampf*, e o adjetivo *arisch*[12] aparece 20 vezes. Mas mais do que ocorrências brutas, boa parte do

[12] Nenhuma das ocorrências se refere a *arische Rasse* [raça ariana]. No entanto, em várias passagens. *Rasse* aparece 100 vezes, como termo isolado, ou em compostos (*Rassenproblem, Rassenkonglomerat, Rassenbabylon* etc.), mas em nenhuma passagem parece ser clara a equiparação de *ariano* a *raça*.

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

texto é dedicada a descrever e exaltar os arianos e seu papel na história (e, evidentemente, dizer todo o oposto sobre os judeus[13]).

Investigar a origem etimológica e o desenvolvimento do significado [*Bedeutungsentwicklung*] de um tal termo era um empreendimento temerário no Terceiro Reich. Porém, isso foi feito no coração do aparelho de planejamento ideológico do sistema, a SS. O texto foi escrito por um Hans Siegert, de Munique, z. Zt. [*zur Zeit*, "à época"] na Wehrmacht e publicado na *Wörter und Sachen*, o órgão oficial de divulgação da linguística mais fortemente ligada à ideologia. O texto é dedicado a Walther Wüst e nas primeiras linhas, o autor declara que foi o próprio Wüst que o encarregou de pesquisar o assunto e orientou a pesquisa (SIEGERT, 1942, p. 73).

Enquanto Hans Siegert parece ter desaparecido sem deixar vestígio no mundo acadêmico alemão (e no resto do mundo), o linguista Walter Wüst era *z.Zeit* reitor da Universidade de Munique (1941-5) e, desde 1935, professor da cadeira de linguística e cultura arianas na mesma universidade, além de presidente da famigerada *Forschunggemeinschaft für Deutschen Ahnenerbe* [Sociedade de Investigação da Herança Ancestral Alemã], vinculada à SS.

Siegert, após uma minuciosa análise de um extensa bibliografia, rastreia as origens e o desenvolvimento dos termos *Arier* e *arisch* (e que nos serviu de guia para o rastreamento que fazemos neste artigo) para, ao fim do texto, concluir, junto com o comentador francês de Gobineau, Ernest-Antoine Seillière que "o vocábulo *ariano* é um dos mais ambíguos que adotou a linguagem científica do Século XIX[14]", acrescentando ainda: "uma palavra que se refere a tantas coisas prescinde da clareza científica necessária[15]". Ao final do texto, recomenda que o uso se mantenha ao composto *indo-ariano* e que se renuncie a seu uso, sobretudo no sentido de "de sangue alemão" [*deutschblütig*].

Obviamente uma tal proposta implicaria descontinuar o uso de um termo crucial para o Sistema, que já havia se popularizado na linguagem quotidiana e que, por último mas não menos importante, exprimia um conceito fundamental na base teórica da ideologia – o *Mein Kampf*. O texto de Siegert não aborda o conceito por trás do termo

[13] Por outro lado, os judeus aparecem tratados como *povo* [*Volk*] cinco vezes e como *raça* [*judische Rasse*] uma única vez: "Denn tatsächlich ist die mosaische Religion nichts anderes als eine Lehre der Erhaltung der jüdischen Rasse" [Dessa forma a religião mosaica é, objetivamente, não outra coisa do que uma doutrina da preservação da raça judaica.] (HITLER, 1943, p. 165).

[14] [...] le vocable 'aryen' est l'un des plus ambigus qu'ait adoptés la langue scientifique du dix-neuvième siècle' 1903, p. I.

[15] "Ein Wort, das so vieldeutig ist, entbehrt der notwendigen wissenschaftlichen Klarheit" (SIEGERT, 1942, p. 99).

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

ariano, mas um dos corolários de sua conclusão sobre a sua ambiguidade e falta de clareza era a de que esse conceito, tal como ele aparece na tradição que inicia com Gobineau e apresenta o maior expoente em Hitler, era igualmente vago e impreciso. Mas isso implicaria, por sua vez, que a ideologia que movia o sistema tinha sido construída sobre uma caracterização vaga e imprecisa – ainda que não necessariamente falsa no que diz respeito a outras questões centrais como a oposição entre o espírito alemão (ariano ou não) e o espírito judeu, tal como representado na ideologia.

É tentador, ainda que altamente especulativo, analisar essa proposta de "mudança de rumo" expressa no texto de Hans Siegert e o empreendimento de Heinrich Himmler, no âmbito da SS, em que a *Ahnenerbe* de Wüst estava inserida, de uma (re)construção de uma cultura germânica. Talvez essa reconstrução, pensada para o tempo que viria após a vitória final da Alemanha Nazista (o "Reich de mil anos"), passasse pela revisão (e o abandono) de visões do período de "luta". Nesse sentido, a revisão de pontos da ideologia (o termo e o conceito de *ariano*) faziam parte de projetos para o "tempo depois": depois da Vitória e depois de Hitler. Himmler é definido por seu biografo, Peter Longerich, como o elemento executor *par excellence* do aparato nazista, na guerra, na segurança interna, na colonização e na política de extermínio (LONGERICH, 2013, P. 751), já desde muito cotado para substituir o *Führer* após a sua morte, o que efetivamente aconteceu por um breve momento.

6. CONCLUSÃO.

A narrativa indo-europeia, tal como foi concebida e ainda hoje (na hipótese dos Kurgans, por exemplo), é um ingrediente importante da narrativa ariana. Na verdade, durante boa parte do século XIX, a narrativa ariana **era** a narrativa indo-europeia. Essa narrativa por sua vez foi um componente central da ideologia mais destrutiva (em diversos sentidos, inclusive intelectualmente) de que a história tem notícia.

A linguística indo-europeia desde meados do século XX tem lutado por exorcizar esse período traumático: o termo foi abandonado e existe um forte esforço por separar a pesquisa histórica das origens indo-europeias, do entendimento dos processos de migração que dispersaram as línguas indo-europeias, dos mitos raciais (e mesmo de uma noção de "raça", tal como concebida pela antropologia física do século XIX).

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

A narrativa indo-europeia, no entanto, ainda subsiste. Não se pode pretender que não guarde as "cicatrizes" da narrativa ariana e do período da racialização. Esses períodos não podem ser esquecidos, até mesmo para que possam ser "exorcizados", para que os mitos antigos sejam desmascarados. No entanto, enquanto narrativa histórica, ela não pode pretender que a "realidade" que ela pretende descrever seja imune aos seus próprios mitos fundadores. Talvez porque entre "mito" e "realidade", a escolha mais coerente seja a mais honesta.

REFERÊNCIAS:

CHAMBERLAIN, Houston-Stewart. *Foundations of the Nineteenth Century.* London/New York: John Lane, 1911.
DARMESTETER, James. (Ed.) *The Zend-Avesta.* Oxford: Clarendon Press, 1880.
DROIXHE, Daniel. *Souvenirs de Babel:* la reconstrution de l'histoire des langues de la Renaissance aux Lumières. Bruxelas: Académie Royale de Langue et Litterature Françaises de Bélgique, 2007. Disponível em https://orbi.uliege.be/handle/2268/948, acessado em 02.07.18.
EVANS, Richard J. *O Terceiro Reich no poder.* São Paulo: Planeta, 2011.
GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inegalité des races humaines.* Saguenay: Université de Québec à Chicoutimi, 2004. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/gobineau/essai_inegalite_races/essai_inegalite_races.html. Acesso em: 02.07.18.
HITLER, Adolf. *Mein Kampf.* München: Ehre, 1943.
KOERNER, Konrad. Observations on the sources, transmission and meaning of "indo-european" and related terms in the development of Linguistics. In: *Papers from the 3rd. International Conference on Historical Lingustics.* Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 153-80.
KÖCK, Julian. *Die Geschichte hat immer Recht:* die Völkische Bewegung im Spiegel ihrer Geschichtsbilder. Frankfurt: Campus Verlag, 2011.
KRAUSE, Wolfgang. *Beiträge zur runenfoschung.* Tübingen: Max Niemeyer, 1932.
LONGERICH, Peter. *Heinrich Himmler:* uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
MORPURGO-DAVIES, Anna. *History of Linguistics IV:* the ninenteenth century. London & New York: Longman, 1998.
MÜLLER, Friedrich Max. On results of science of language: inaugural lecture, delivered in the imperial University of Strassburg, May 23, 1872. In: _____ *Chips from a German workshop, v. IV.* New York: Charles Scribner Sons, 1895.
PENKA, Karl. *Origenes ariacae.* Wien: Karl Prochaska, 1883.
PICTET, Adolphe. *Les origines indo-européennes ou les aryas primitifs: essai de paleontologie linguistique.* Paris, Joel Cherbuliez, 1859.
POESCHE, Theodor. *Die Arier:* ein Betrag zur historische Anthropologie. Jena: Hermann Costenoble, 1878.
POKORNY, Julius. *Proto-indo-european etymologic dictionary.* Dnghu Association, 2007. Disponível em http://dnggu.org. Acesso em: 02.07.18.

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20180015

POTT, August Friedrich. *Die Ungleichheit menschlicher Rassen hauptsächlich vom sprachwissenschaftlichen Standpunkte.* Lemgo und Detmold, Meyer'sche Hofbuchhandlung, 1858.

RIEHL, Wilhelm Heinrich. *Die Naturgeschichte des Volkes als Grundlage einer deutschen Social-Politik, Band III:* Die Familie. Stuttgart und Augsburg: Gotta'scher Verlag, 1858.

SIEGERT, Hans. Zur Geschichte der Begriffe "Arier" und "Arisch". *Wörter und Sachen*, nº 22, p. 73-99, 1942.

SUSANNA, Francisco. Prefacio del traductor. In: GOBINEAU, Arthur de. *Ensayo sobre la desigualdad de las razas.* Barcelona: Apolo, 1937. p. 6-12.

Data de recebimento: 04/09/2018
Data de aprovação: 04/09/2018